

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

As margens da página no texto impresso e no texto digital: espaços virgens ou reservas especiais?

Ana Elisa Ribeiro

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)¹

Resumo

Desde o manuscrito até o impresso, as margens dos livros, além de terem função estética e de proporcionarem conforto, maior legibilidade e de espaço de manobra e manipulação do objeto, serviam ao autor ou ao editor como o lugar reservado para anotações e comentários. Ao leitor sobravam as margens em branco abandonadas pela impressão, espaços periféricos e não-autorizados. Com o advento do empréstimo público de livros, novas práticas de leitura desestimularam que se escrevesse nas páginas. Com a perda desse hábito, perderam-se as pegadas de leitores ativos. No entanto, por meio de pesquisa bibliográfica e atividade intensa na Internet, percebe-se o estímulo aos comentários e ao diálogo entre autor e leitor, assincronamente, nos *blogs*, nova ferramenta de escrita e publicação na Internet, o que desenha o movimento de vaivém e a hibridez dos suportes de leitura/escrita, apesar das inovações tecnológicas.

Palavras-chave

Leitura; Margem; Anotação; Co-autoria; Internet.

Introdução

Diante do livro impresso, objeto acabado após o tratamento editorial, o que pode fazer o leitor para interferir na obra? Anotar, escrever nas margens, fazer perguntas que jamais serão respondidas, exclamar, comentar com prazer solitário. No entanto, não raro jornais e revistas publicam matérias sobre a conservação de livros nas quais bibliotecários e historiadores especializados em restauração dão dicas de como evitar que as obras se acabem em prateleiras de madeira cheias de cupins. Entre as dicas de conservação de livros cita-se uma que tem tanto mais a ver com práticas estabilizadas de manuseio de obras do que propriamente com a perenidade do objeto: não escrever nas margens, não grifar trechos, não usar marca-textos.

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG, professora universitária, docente na pós-graduação do Uni-BH, escritora e editora. ana@patife.art.br

O uso que o leitor faz do livro e a maneira como o manipula são pautados pela função da leitura empreendida (estudo, lazer, pesquisa, entre outras infinitas), pelo envolvimento particular com o livro e, principalmente, nos dias atuais, com a propriedade do livro, ou seja, se o leitor manipula obra emprestada de biblioteca ou de outro leitor deverá fazer anotações em bloco separado, para que não danifique o objeto; no entanto, caso a obra tenha sido adquirida, o leitor poderá se sentir mais à vontade para grifar, marcar e até mesmo dobrar orelhas nas páginas para encontrar partes da obra com mais facilidade.

As margens e a periferia

Desde o manuscrito até o impresso, as margens dos livros, além de terem função estética e de proporcionarem conforto, maior legibilidade e de servirem de espaço de manobra e manipulação do objeto, serviam ao autor ou ao editor como o lugar reservado para anotações e comentários. Ao leitor, se quisesse tornar-se, de certa forma, co-autor da obra, dialogando com o texto e com o autor, assim como ser lido pelo próximo leitor, ensejando novos comentários, sobravam as margens em branco, espaços periféricos e não-autorizados.

Para Cavallo & Chartier,

Desde o século XVI, isto é, desde o tempo em que o impressor encarregou-se dos sinais, das marcas e dos títulos que, desde o tempo dos incunábulos, eram acrescentados à mão na página impressa pelo corretor ou por seu proprietário, o leitor somente pode insinuar sua escrita nos espaços virgens do livro. O objeto impresso impõe-lhe sua forma, sua estrutura, seus espaços. Ele não pressupõe, de forma alguma, a participação material, física, de quem lê. Se o leitor pretende, todavia, inscrever sua presença no objeto, somente pode fazê-lo ocupando sub-repticiamente os espaços do livro abandonados pela composição tipográfica: interiores da encadernação, folhas em branco, margens do texto, etc. (Cavallo & Chartier, 1998, p. 31).

Com o passar do tempo, as margens foram diminuídas, por razões estéticas e econômicas, além de as novas práticas de leitura desestimularem que se escrevesse nas páginas de um livro. Com a perda desse hábito, perderam-se as pegadas de leitores ativos. No entanto, por meio de atividade intensa na Internet, percebe-se o estímulo aos comentários e ao diálogo entre autor e leitor, assincronamente, nos *blogs*, nova ferramenta de escrita e publicação na Internet, sistema que prevê a intervenção do leitor e deseja sua co-autoria, o que desenha o movimento de vaivém e a hibridez dos suportes de leitura/escrita, apesar das inovações tecnológicas.

Apesar da diferença na manipulação do livro impresso emprestado para o adquirido, é comum que o leitor se sinta como se cometesse um pecado ou outra falta grave quando rabisca, colore ou destaca trechos em livros impressos. Tal sentimento advém de uma ‘educação’ histórica e cultural, segundo a qual livros devem ser mantidos e conservados com respeito, além de deverem estar intactos para o próximo usuário, comportamento que não faz sentido na Internet.

Segundo Cavallo & Chartier, o livro não é modificado, em sua essência, pelas novas técnicas. Uma das razões pelas quais se afirma isso é que “o livro impresso ainda depende do manuscrito do qual imita a paginação, a escrita, as aparências”, coisa que se observa também na transição da escrita impressa para a digital. Também segundo esses autores,

Como o manuscrito, ele deve ser acabado pela intervenção de várias mãos: a mão do iluminista que pinta miniaturas e iniciais, sejam elas simplesmente ornadas ou historiadas; a mão do corretor ou *emendator* que acrescenta marcas de pontuação, rubricas e títulos; a mão do leitor, enfim, que inscreve na página sinais, notas e indicações marginais”. (Cavallo & Chartier, 1998, p. 26)

Tal descrição do processo editorial mantém-se viva na produção para Internet, nas figuras do editor, do *webwriter*, do administrador de conteúdo e do *designer*. E tão importante quanto em outras épocas e ainda mais ativa está a figura do leitor. Na Internet, as margens foram substituídas por espaços autorizados de interferência e do leitor é esperada uma atitude de reação nas janelas *pop-up* que se abrem para que ele se manifeste.

Segundo Arns (1993), entre as fases da produção de uma obra (já no século III a.C.) (*emendare, recensere, conferre, relegere e distinguere*) estava a *adnotare*, ou seja, “acrescentar explicações, críticas e notas”. “O autor costuma anotar à margem seus próprios manuscritos. Por vezes, fica zangado se as notas, devido à negligência de copistas, entram no corpo do texto.” (Arns, 1993, p. 76-77) Tais anotações fazem lembrar ao leitor do século XXI as notas de rodapé ou as de final de capítulo, que vêm complementar o texto principal, notas que nem sempre são lidas, mas que não estão ali por acaso. Notas que não fazem parte do texto, mas o explicam e esclarecem, complementam ou exemplificam. Segundo a descrição de Arns, as notas do autor não têm caráter periférico, mas têm *status* de comentário importante, embora sejam percursos hipertextuais em relação à linearidade do texto principal. É essa nota que

confere ao texto características de hipertexto, na medida em que confere possibilidade, ao leitor, de ler não-linearmente, navegando pela materialidade textual.

O hipertexto retoma e transforma antigas interfaces da escrita. A noção de interface, na verdade, não deve ser limitada às técnicas de comunicação contemporâneas. A impressão, por exemplo, à primeira vista é sem dúvida um operador quantitativo, pois multiplica as cópias. Mas representa também a invenção, em algumas décadas, de uma interface padronizada extremamente original: página de título, cabeçalhos, numeração regular, sumários, notas, referências cruzadas. Todos esses dispositivos lógicos, classificatórios e espaciais sustentam-se uns aos outros no interior de uma estrutura admiravelmente sistemática: não há sumário sem que haja capítulos nitidamente destacados e apresentados; não há sumários, índice, remissão a outras partes do texto, e nem referências precisas a outros livros sem que haja páginas uniformemente numeradas. Estamos hoje tão habituados com esta interface que nem notamos mais que existe. Mas no momento em que foi inventada, possibilitou uma relação com o texto e com a escrita totalmente diferente da que fora estabelecida com o manuscrito: possibilidade de exame rápido do conteúdo, de acesso não-linear e seletivo ao texto, de segmentação do saber em módulos, de conexões múltiplas e uma infinidade de outros livros graças às notas de pé de página e às bibliografias. É talvez em pequenos dispositivos “materiais” ou organizacionais, em determinados modos de dobrar ou enrolar os registros que estão baseadas a grande maioria das mutações do “saber”. (Lévy, 1993, p. 34)

O ponto de contato entre as leituras impressas e as digitais é evidente, assim como a hibridez das interfaces, e é nesse sentido que as anotações e a disposição em páginas (ainda que virtuais) são híbridos de novas e antigas tecnologias. Segundo Arns (1993), “*Página* é a superfície da tabuleta que recebe a escrita; as *paginae* estão, em geral, reunidas em *codex*”, que, em ambiente de digital, recebe o nome de *site*.

Para Cavallo & Chartier (1998), os textos digitais apresentam novas possibilidades e atraem novos comportamentos do leitor:

Não somente o leitor pode submeter os textos a múltiplas operações (ele pode indexá-los, anotá-los, copiá-los, deslocá-los, recompô-los, etc.), como pode, ainda mais, tornar-se o co-autor. A diferença, imediatamente visível, no livro impresso entre a escrita e a leitura, entre o autor do texto e o leitor do livro, desaparece em proveito de uma realidade diferente: o leitor, diante da tela, torna-se um dos atores de uma escrita a várias mãos ou, pelo menos, encontra-se em posição de constituir um texto novo a partir de fragmentos livremente recortados e reunidos. (Cavallo & Chartier, 1998, p. 31).

Segundo Arns (1993), por sua etimologia, a palavra *volumen* está estreitamente ligada à forma do livro que chamamos de “rolo”. *Volvere* e seus compostos se tornaram termos técnicos para a manipulação desta forma de manuscrito”. E, para o leitor de tela da atualidade, voltar (*volver*) é o ato de subir e descer a página virtual ou mesmo o de

recarregar páginas anteriores do documento eletrônico (apertando um botão do navegador – *back*, voltar).

Essa hibridez de formas de manipular o artefato tecnológico, formas familiares para o usuário, que se reconhecem umas nas outras, essa similaridade nas formas de fazer, por vezes são apagadas pelas diferenças, tão mais comentadas. No entanto, o comportamento do leitor mantém-se em muitos aspectos bem semelhante na leitura de digitais e impressos. Também essa hibridez se apresenta nas formas de ler, nos nomes das ações e nos gêneros de texto emergentes, que, no entanto, não vieram do nada, apesar de terem surgido a partir da inovação tecnológica (textos de *e-mail*, por exemplo).

Chartier (1998) aponta pequenas e grandes revoluções nas formas de ler, assim como no aparato técnico e organizacional dos textos e suportes. Para o autor,

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antigüidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (Chartier, 1998, p. 12,13)

No entanto, Chartier admite a hibridez de práticas de leitura quando

De um lado, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antigüidade: o texto que ele lê corre diante de seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simultaneamente esses dois leitores. Ao mesmo tempo, é mais livre. O texto eletrônico lhe permite maior distância com relação ao escrito. Nesse sentido, a tela aparece como o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo. (Chartier, 1998, p. 13)

O movimento que “separou o texto do corpo” também deu novo sentido aos hábitos do leitor enquanto lê. As margens do livro eram os espaços “virgens” utilizados para anotar, no entanto eram sub-reptícios e clandestinos, servindo de espaço para lembretes, resumos, questões, associações pertinentes, sinais gráficos, marcação de

correção e até desenhos. Tudo isso apesar do sentimento de culpa, mesmo quando o livro é pertencente ao leitor.

A biblioteca pública e a possibilidade do empréstimo de obras criou um código de usos e costumes que evita a anotação e faz da margem o espaço de manipulação do objeto, em detrimento do espaço de atividade e co-autoria, algo que não pode ocorrer na Internet, onde ‘ficar calado’ e ‘não existir’ são quase a mesma coisa.

Para Lyons (1999), o leitor “nunca se aproxima do texto passivamente ou de mãos vazias, e jamais absorve o texto sem resistir ou criticar”, no entanto, as práticas que tratam o livro como objeto intocável, artefato que deve, apesar do uso, manter-se intacto, limpo, sem amassados, dobras ou manchas, reserva ao leitor ativo a possibilidade de anotar sua crítica ou seu trabalho de resistência em papéis avulsos, já que o livro deve sustentar apenas o que imprimiram autor e editor, numa parceria que soa como cumplicidade.

A história do livro também incorpora o estudo da evolução de formas materiais do livro. Somos freqüentemente lembrados que autores escrevem textos, não escrevem livros. A forma física do texto, na tela ou no papel, seu formato, a disposição do espaço tipográfico na página são fatores que determinam a relação histórica entre leitor e texto. (Lyons, 1999, p. 12)

E essa relação histórica é fruto de códigos de uso adaptados ou apropriados pelo leitor. No entanto, têm sido modificadas pelas possibilidades de leitura em tela apresentadas pela Internet, que, embora sofra a acusação de ser fria e impessoal, tem reservado espaços nem tão periféricos à interferência do leitor, ativo e em contato com o autor, separados por uma fina película de eletricidade.

Os blogs e as páginas

Blogs são sistemas simples de publicação de textos e imagens, assíncronos, como os *e-mails*, porém, de acesso irrestrito. Inicialmente, foram tratados como suporte preferencial para a escrita de adolescentes, em explícita comparação com os diários. Guardavam, de fato, certa semelhança com os antigos cadernos de anotações diárias, uma vez que seus autores eram levados pelo mesmo tipo de estímulo para escrever: contar histórias do dia-a-dia, fazer comentários pessoais, etc. No entanto, os *blogs* não eram trancados e nem sigilosos, muito pelo contrário.

Após uma onda inicial, essa ferramenta foi apropriada por jornalistas e escritores, que passaram a empregá-la como espaço de publicação de notícias, experimentações literárias e fóruns de opinião muito acessados. Gozando de mais credibilidade, os *blogs* passaram a ser considerados uma nova possibilidade de suporte de escrita na *Web*, já que mais fáceis de manipular e mais simples do que os *sites*.

Esses sistemas dispõem de uma janela *pop-up* em que o leitor pode fazer comentários sobre o texto publicado, tornando-se parte de uma comunidade que lê, comenta e reescreve. À maneira das *adnotatio*, o leitor de *blogs*, freqüentador assíduo, interfere no texto principal e deixa registrados seus comentários, concordâncias e discordâncias, assim como expõe suas questões para que outros leitores leiam e comentem. O texto principal passa, então, de centro absoluto a um dos centros de gravidade possíveis de uma leitura que deixa de ser passiva e ‘educada’ para se transformar em um evento comunicativo dinâmico, embora não seja síncrono, como é o caso dos *chats*.

O autor do *blog* passa a ter necessidade dos comentários, assim como perde a autoria absoluta do texto e admite co-autores que o ajudam, inclusive, a repensar sua atividade. A relação entre leitor e texto se amplia; leitor e autor são mediados por uma fina camada de tempo e tecnologia; leitor e margens da página voltam a se encontrar, numa demonstração de recursividade de hábitos e tecnologias.

O texto digital, então, reserva ao leitor os espaços de diálogo necessários a uma interação pela escrita que o texto impresso leva muito tempo para cumprir, além de o impresso ter a necessidade de muitos intermediários entre as duas pontas do processo, algo que a Internet, na forma dos *blogs*, tornou mais simples e mais direto.

Referências bibliográficas

- ARNS, Dom Paulo Evaristo. *A técnica do livro segundo são Jerônimo*. Trad. Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1993. (Coleção Bereshit)
- BELO, André. *História&livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. v.1. Trad. Fúlvia M. L. Moreto (italiano), Guacira M. Machado (francês), José Antônio de M. Soares (inglês). São Paulo: Ática, 1998.
- CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998b.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. Rio de Janeiro: 34, 1996.